

Projecto 2019/2020

Lisa Barbosa up201603500
Docentes: Rute Rosas e Fernando Amaral da Cunha

Herança Familiar

Lembranças e passagens pessoais na base do processo artístico

Sinopse

Desde o ano passado que tenho desenvolvido questões relacionadas com o meu seio familiar e todos os seus elementos e situações. Quer consciente ou mesmo inconsciente, recorrentemente os resultados que obti se basearam num círculo que envolve o contexto doméstico e familiar, onde por vezes, pequenos detalhes e representações, carregam sentidos profundos e irónicos.

A autobiografia é uma temática predominante no meu trabalho. Não intencionalmente, a memória como conceito ressoa sempre na minha cabeça, as lembranças são algo que emergem à tona inconscientemente e a necessidade de as arquivar em diferentes meios, é constante. Fazer auto referências nas minhas manifestações torna-se inseparável do resgate aos diferentes elementos que experienciam e fazem experienciar a minha vivência.

Este mistério e delicadeza que por vezes é salientado no meu trabalho, são a casca que armazena todo o conteúdo das minhas lembranças. O acto de relembrar é de certo modo sempre um acto de arquivar. Os meus objectos serão então arquivos pessoais de experiências, pessoais, influências e indignações que vão surgindo na minha própria linha do tempo. Situações impossíveis de serem ignoradas, onde por vezes a capacidade de atuação é nula. Sendo assim, serão pelo menos sementes para as minhas plantações, onde incansavelmente tentarei colher fruto delas.

Um trabalho interno que se partilha com o objectivo de chegar ao interno do outro. Situações pessoais que tentam chegar ao colectivo, com o objectivo de criar empatias e momentos presentes - tão necessários atualmente.

O meu projecto é uma perceção de mim para mim e de mim para os outros.

Desde os primórdios das manifestações artísticas, encontramos elementos que nos permitem associar a Arte a uma ferramenta de arquivo de cada determinado grupo social, cultural, geográfico ou mesmo no campo mais individual. Por sua vez, todos estão intrinsecamente ligados à ideia de tempo e os artistas têm um importante papel no desenvolvimento da memória colectiva da humanidade. Mais concretamente nas práticas escultóricas contemporâneas, muitas obras apresentam uma tentativa de não dissipar o passado e sim arquivá-lo.

A efemeridade da vida cria a necessidade dos indivíduos reconstituírem recordações esporadicamente, quem sabe com o propósito de obter satisfação de teor metafísico. Esta tentativa de recusa da sua menorização perante a existência, resulta uma vontade de criar instrumentos e estratégias para se auto demarcar.

Mas independentemente de os indivíduos terem práticas criadoras ao nível artístico, todos os humanos têm a experiência nostálgica em determinados momentos da sua vivência. A necessidade de recordar ou realizar uma marca individual ou colectiva que prevaleça, é notável em variadíssimas sociedades, independentemente do seu contexto social, cultural, histórico ou político. Mesmo sociedades iletradas demonstram estruturas e ferramentas que confirmam a necessidade de criar marcos da sua existência, que de grosso modo, contribuem para a formação da memória colectiva.

Estas são as premissas base do meu projecto e fazer referências autobiográficas é no momento, a forma mais adequada e enriquecedora no meu processo de auto-conhecimento, uma aspecto essencial de ser desenvolvido na base na minha perspectiva.

São com estas referências que acabo por iniciar cada processo dos meus trabalhos, quer consciente ou inconscientemente por vezes. A arte acaba por ser um meio potenciador para despertar desenvolvimentos pessoais intrínsecos ao auto-desenvolvimento.

A criação de objectos e experiências acaba por demonstrar sempre o arquivo de conhecimentos, experiências e por vezes emoções do criador da obra e é através das minhas lembranças e percepções do momento que desenvolvo o meu projecto. Um projecto de partilha de emoções, sentimentos, lembranças e percepções.

Uma colecta pessoal que quando é mostrada torna-se pública. Tornar as experiências pessoais em interacções públicas e colectivas, criam campo de trabalho onde empatias florescem. Este conceito de arquivo se limita a uma representação metafórica de cada corpo. Somos grandes mobílias vivas esbordando memórias de experiências, palavras e pensamentos e neste projecto apresento manifestações e objectos que envolvem a memória, a recordação e a construção de uma futura identidade (em constante mudança inevitavelmente).

A questão da memória e mais notoriamente a lembrança, são a base de todos os trabalhos desenvolvidos neste ano lectivo que quanto mais

desenvolvidos transparecem detalhes conectados ao seio familiar e à vida doméstica. Neste sentido, esta influência familiar é extremamente importante pois adquire características essenciais, onde os pormenores domésticos que se tentam esconder, são realçados e materializados.

Memorizar é cravar na memória, tentar que permaneça, é uma vaga contrariedade à impermanência. É de certo modo, negar o esquecimento como característica humana. É arquivar e esperar que perdue.

Recordar através da construção de objectos, poderá se compreender como uma tentativa de não fazer desaparecer o que já foi agradável, ou uma chance de repudiar o que foi desconfortável, sendo que criar também poderá curar – e o meu trabalho é um equilíbrio entre estas duas abordagens.

O facto de arrecadarmos herança de determinados comportamentos, tradições e visões, constrói uma subtil face daquilo que escondemos e demonstramos ao outro, que vai diferenciando de indivíduo para indivíduo obviamente. Desde contextos culturais, étnicos, históricos ou até geográficos e climáticos, sempre existirá emoções que são essenciais e intrínsecas a qualquer humano e mostrando estes acontecimentos de forma por vezes literal, criamos conexões sem fronteiras e preconceitos.

É também este jogo de comportamentos culturais que me interessa indicar esporadicamente no meu trabalho. Mostrar ou dar a conhecer uma perspectiva dá campo de manobra para determinados assuntos serem repensados e reestruturados. A individualidade quando partilhada cria conexões com o outro e assim desenvolvemos uma coletividade empática.

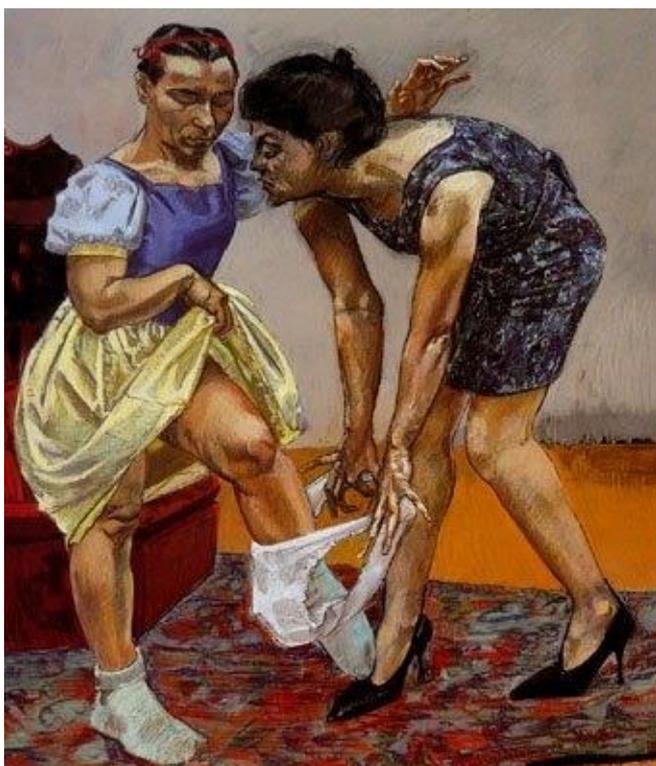
Os meus trabalhos são então uma versão, uma perspectiva da história apenas. Demonstrações por vezes altamente pessoais mas sempre com a tentativa essencial de reconectar com o outro, criar ligações de semelhança humana que muitas vezes é esquecida e marginalizada.

Toda esta envolvimento familiar em torno das minhas experiências, muitas vezes remetem para a minha abordagem inconsciente, pois é dela que muito do pensamento conceptual surge.

Na realização dos objectos, identifico determinados traços e influências altamente pessoais e familiares que, de certa forma, criam reflexões sobre a minha identidade artística no momento. Por vezes de forma delicada, por vezes mais irónica, crio híbridos que ressaltam os comportamentos humanos e seus instintos mais animais.

As temáticas do familiar/doméstico em contraposto com o desconhecido. O conforto do lar e o desconforto dos seus segredos. A confiança expectável e a exploração aparentemente impossível. O poder paternal e a fragilidade aparente das amantes de flores. A morte e o Erotismo. A falta e a tentativa de recompensa. A culpa injusta e o auto-perdão que liberta. Em suma, uma procura recorrente e redundante com o objectivo de desatar o nó que foi inconscientemente desenvolvido ou mais acertadamente, herdado.

Referências



Branca de neve e a madrasta, 1995 Paula Rego

Paula Rego é uma ótima referência pois questiona os valores pré definidos associados à vida quotidiana da família, onde de forma agressiva, mítica e irónica, questões de poder e fragilidade são postas em questão. Através das suas mulheres com aparência viril e masculina, as competências da mulher e suas responsabilidades tornam-se segundo plano. As poses ora des preocupadas, ora desconfortáveis, ora eróticas questionam problemas sociais colectivos do nosso país, apesar de todo o cenário das pinturas ser apresentado em contexto restrito doméstico e familiar.

Doris Salcedo A substituição de Doris Salcedo da presença humana pelo cimento, na tentativa de representar a ausência de vários membros de famílias devido à guerra, remete de modo transparente para as questões conceptuais que tenho vindo a desenvolver.

A mobília já recupera por si mesma uma conexão imediata ao ambiente doméstico. Mas apesar de estas referências pertencerem a um grupo parcial e muito reduzido da sociedade, a artista desenvolve conceptualmente uma ligação muito forte com questões mais políticas e sociais. Esta resinificação e relação mais próxima entre o público e o privado alimenta a minha percepção no meu projecto pois apresenta um caso concreto onde o doméstico sempre fará ligação com o seu entorno, a sua sociedade envolvente.



Sem Título, 1995 Doris Salcedo

Referências Bibliográficas

- HALBWACHS, Maurice – A memória colectiva, 1925
- CANDAU, Joel – Memória e Identidade, 2011